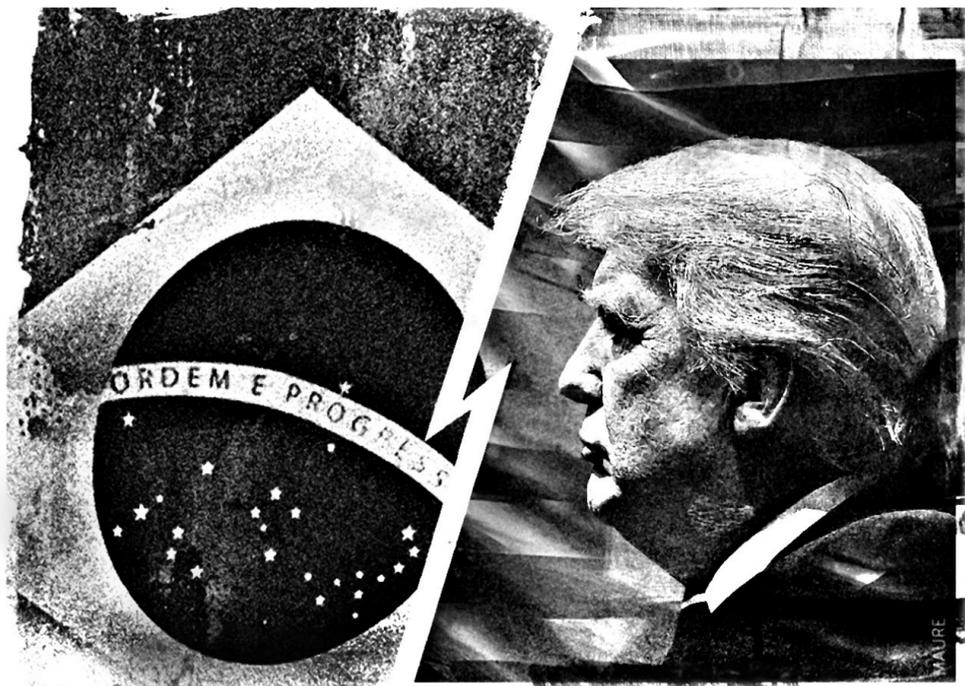


Eleições americanas e o Brasil



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista

A eleição nos Estados Unidos não é nacional. O processo resulta de várias eleições estaduais, cada uma com a própria característica. Em cada estado, a cédula de votação, que pode ser de papel ou eletrônica, oferece diversas opções ao eleitor, que vota no presidente e nas várias escolhas que ocorrem no mesmo dia, uma terça-feira. Até temas comunitários aparecem nas cédulas. Por essa razão, fazer pesquisa eleitoral nos Estados Unidos é algo muito perigoso. Os institutos já erraram muito.

Na eleição de Donald Trump, o país dormiu achando que Hillary Clinton tinha sido eleita, mas seu opositor conseguiu vencer nos estados com maior número de delegados. Ele perdeu no voto popular, mas venceu no Colégio Eleitoral. Trump perdeu, mas ganhou. Difícil de explicar, mas o jogo é esse. Agora, ocorre o mesmo fenômeno. Kamala Harris tem um ou dois pontos de vantagem sobre Donald Trump, mas isso não significa nada. A vantagem é ganhar nos estados que elegem o maior número de delegados. Quem ganha, leva todos os votos do estado. Califórnia e Nova York, que possuem grande número de delegados, são francamente favoráveis aos democratas.

Mas, no resto do país, as opiniões se dividem profundamente. Os Estados Unidos eram o país mais forte do mundo logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. Sua economia financiou a recuperação da Europa devastada pelo conflito e expandiu seu capitalismo por todo o mundo. O dólar era, e ainda é, a moeda de referência para transações comerciais. O poder norte-americano se espalhou pelo planeta. Suas empresas buscaram novos mercados e mão de obra mais

barata. Eles criaram o conceito de mercado livre e de combate ao protecionismo comercial.

Fizeram acordo com a China comunista, que entrou para a Organização Mundial de Comércio. Chinês, ao contrário do norte-americano, não gosta de guerra. Ao primeiro sinal de conflito, envia o homem de negócios, enquanto os marines atuam em vários pontos do globo. Onze formidáveis porta-aviões movidos por energia nuclear, com cerca de 5 mil tripulantes cada um, navegam pelos mares do mundo. O custo dessa operação é monumental. Vários bilhões de dólares/mês. Além do custo das dezenas de bases militares espalhadas pelo planeta.

A China, hoje, é a segunda maior economia do mundo, atraiu empresas de vários países, entre elas as dos Estados Unidos. A globalização radicalizou no conceito de integração e liquidou os mercados locais. Todos foram invadidos por produtos predominantemente chineses com preços baixos. Mas, no próprio mercado norte-americano, é difícil comprar roupas fabricadas lá. São peças produzidas na América Central ou na Ásia. O eleitor que vive no interior dos Estados Unidos, de repente, se viu com salário menor ou até sem emprego. Esse eleitor, que se achava rico em relação ao resto do mundo, começou a votar em quem prometia reviver seus melhores tempos. É impossível fazer a história retroceder. Mas o eleitor norte-americano procura respostas para seu recente desalento.

O país foi construído pela mão de obra dos negros escravizados na África, por migrantes latinos, asiáticos e milhares de europeus que fugiram da recessão e da pobreza na Inglaterra, na

Irlanda e em outros países da região. Essa mistura de gentes, com base em conceitos protestantes, cada um por si, resultou nos Estados Unidos da América do Norte com fundamento na liberdade e na capacidade de o indivíduo de produzir seu próprio futuro.

O Brasil não figura entre as principais preocupações do governo de Washington. O problema maior deles é a fronteira sul. Se Trump for eleito, uma das primeiras ações será anistiar os responsáveis pela invasão do Congresso. No Brasil, esse ato será compreendido como incentivo para anistiar o pessoal que invadiu as sedes dos Três Poderes em Brasília. Depois disso, virá a eventual anistia de Bolsonaro. Isso no território da política. Na economia, a provável elevação de tarifas sobre produtos chineses vai ter repercussões no Brasil e na política externa.

O confronto entre China e Estados Unidos estará mais próximo. A distribuição de forças na diplomacia se modificou profundamente. A Rússia conseguiu superar dificuldades criadas pelo bloqueio econômico determinado pelos Estados Unidos e países europeus. A nova composição do Brics colocou Moscou e Pequim no centro de uma organização poderosa, em termos financeiros, sem grandes preocupações com a democracia. É difícil retornar aos anos 1960, quando os Estados Unidos eram a potência absoluta e universal. Hoje há, inclusive, a surpresa da Índia, que se tornou a quinta maior economia do mundo. E cresce a mais de 7% ao ano. É a novidade com bomba atômica, submarino nuclear e capacidade de enviar o homem à Lua.

Herança africana: por que este tema na redação do Enem?

» FREI DAVID SANTOS OFM
Diretor executivo na EDUCAFRO

Observem que a Lei nº 10.639/2003, que inseriu a temática “história e cultura afro-brasileira” na educação brasileira, foi assinada em 2003 e, até hoje, 2024, 21 anos depois, nem 15% das instituições particulares e públicas de ensino fundamental e médio, com seriedade, colocam em prática essa lei. Por quê? Estamos prevendo que muitos alunos de escolas particulares e públicas se sentirão traídos por seus professores. Motivo? Apesar do tema ser obrigatório nas escolas, fruto da lei brasileira, a negligência escolar com esse tema em salas de aulas tem chegado ao absurdo!

A educação brasileira ainda não levou a sério este tema, que é obrigatório. Como explicar essa omissão? É fácil: aponte-nos uma lei que beneficia os bancos, que não tenha sido colocada em prática 100% no dia seguinte? Não achou? Então aponte-me uma lei que beneficia o agronegócio, que não tenha sido colocada em prática 100%, no dia seguinte à sua promulgação? Não achou? Sabe qual é o nome dessa atitude? Chama-se de racismo sistêmico.

É a comprovação de que todo o sistema brasileiro está bichado/contaminado pelo racismo em suas mais diferentes formas de manifestações. A escolha do tema *Desafios para a valorização da herança africana no Brasil*, para a redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é, sem dúvida, ação de setores do terceiro governo Lula que reconhecem o quanto o Brasil tem sido falho com o povo afro-brasileiro. Tem uma dívida com essa população. Precisa acontecer, já, o reconhecimento da importância da cultura africana na formação da identidade brasileira. A herança africana é rica e diversificada, abrangendo todos os aspectos da vida nacional.

São graves os registros de reclamações de professores da matéria “História da África” que relatam perseguições de diretoras/es, pais de alunos e até mesmo de outros professores, quando trabalham essa temática, especialmente quando chega no capítulo das religiões de matrizes africanas. A Lei nº 10.639 foi, em 2004, estendida para todas as universidades públicas e particulares, pelo Conselho Nacional de Educação.

Apesar de decorridas duas décadas desde sua promulgação, menos de 15% das instituições de ensino, tanto públicas quanto particulares, cumprem essa determinação de forma séria. Essa situação levanta questões sobre a conscientização e o comprometimento das escolas em promover uma educação mais inclusiva e representativa. Além disso, a resistência à cultura africana e os preconceitos raciais ainda são barreiras significativas.

Cresce em todo o sistema educacional situações em que crianças ou pais de crianças negras denunciam escolas por permitirem que o racismo corra solto ou adotam uma abordagem ingênua sobre este tema tão complexo e necessário de ser trabalhado, em vista de se construir um Brasil mais integrado. Muitos educadores e gestores escolares podem não reconhecer a relevância da herança africana ou podem ter uma visão distorcida sobre a contribuição dos afro-brasileiros para a sociedade. Essa falta de entendimento pode levar à omissão de conteúdos importantes, perpetuando estereótipos e desinformação. Outro desafio é a formação dos professores.

Para que a herança africana seja valorizada, é essencial que os educadores estejam preparados e motivados a ensinar sobre esse tema. Programas de formação continuada e capacitação são fundamentais para que os professores possam abordar a cultura africana de maneira crítica e contextualizada, promovendo um ambiente de aprendizado que respeite e celebre a diversidade. A Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secadi), órgão do MEC que trabalha essa temática, está com excelentes propostas para impulsionar essa lei, ainda neste ano e em 2025.

Nesses 21 anos da lei em vigência no Brasil, está mais do que provado que as instituições educacionais, públicas e privadas, são racistas. Diante dessa constatação, a Educafro está selecionando, algumas cidades do Brasil, para realizar atos públicos. Vamos escolher, em cidades diferentes, uma escola pública e outra particular de ensino médio e, um grupo de 10 ou mais pessoas afro-brasileiras, vamos nos acorrentar nos portões principais dessas escolas, ainda de madrugada, de modo que ninguém poderá entrar naquelas escolas, até que a direção reconheça o seu erro e assinem um termo de compromisso de que vai, em 30 dias, colocar a lei em prática em sua integridade.

O mesmo faremos com uma universidade pública e outra particular. Isso só chegou a esse descalabro porque os Ministérios Públicos de cada Estado e da União, guardiães da lei, foram, por 21 anos, omissos ou superficiais na cobrança da aplicação desta Lei nº 10.639/23 em todas as instituições de ensino. Em suma, a valorização da herança africana no Brasil é um desafio que requer um esforço conjunto de escolas, educadores, alunos e sociedade. Os movimentos sociais prometem muito, a partir deste mês de novembro que se inicia, e vai se intensificar ao longo de 2025.

AVC: como combater a principal causa de morte no Brasil

» ANA KARINY BEZERRA

Neurologista e coordenadora de Neurologia do Hospital Anchieta, que pertence à rede Kora Saúde

O Acidente Vascular Cerebral (AVC) é uma das principais causas de morte no mundo, e a situação no Brasil é ainda mais alarmante. Desde 2019, o AVC ultrapassa doenças cardiovasculares, como o infarto, como a principal causa de morte no país. Até agosto de 2024, mais de 50 mil brasileiros perderam a vida em decorrência dessa condição, segundo dados de atestados de óbito. A probabilidade de ser afetado é considerável: um a cada quatro indivíduos ao redor do mundo terá um AVC ao longo da vida, conforme estimativas da Sociedade Brasileira de AVC.

Esses números ressaltam a urgência em reforçar outubro como o mês oficial de conscientização e prevenção do Acidente Vascular Cerebral. O Dia Mundial do AVC, celebrado em 29 de outubro, vem com a proposta de destacar o papel da prevenção e de promover hábitos saudáveis, com um enfoque especial na prática de atividades físicas e esportes como ferramentas para reduzir o risco. Esse enfoque torna o tema mais leve e promove benefícios para a saúde de maneira geral, contribuindo não apenas para o bem-estar do cérebro, mas de todo o corpo.

O AVC ocorre quando há uma interrupção no fluxo de sangue para uma região do cérebro, provocando a morte de células cerebrais e o comprometimento de várias funções do organismo. Esse quadro é classificado em duas formas principais: o AVC isquêmico, causado por um bloqueio no fluxo sanguíneo, e o AVC hemorrágico, que acontece quando um vaso sanguíneo se rompe dentro do cérebro. Ambos podem trazer sequelas graves e exigem atenção médica imediata para minimizar danos.

Por mais séria que seja essa condição, a boa notícia é que muitos dos fatores de risco são modificáveis e, portanto, passíveis de controle. Sedentarismo, alimentação desequilibrada, consumo excessivo de álcool, tabagismo, hipertensão e diabetes são fatores que aumentam o risco de um AVC. Com mudanças simples, como adotar uma rotina de atividades físicas, manter uma alimentação balanceada e controlar o peso, é possível reduzir significativamente o risco de desenvolver a doença.

Estudos mostram que a prática regular de atividades físicas é um dos métodos mais eficazes na prevenção do AVC. Os exercícios ajudam a controlar a pressão arterial, a glicose e os níveis de colesterol, além de reduzir o estresse, outro fator de risco relevante para doenças cardiovasculares. A recomendação geral é que adultos pratiquem pelo menos 150 minutos de atividade física de intensidade moderada por semana — o que equivale a pouco mais de 20 minutos por dia. Caminhadas, corridas leves, ciclismo e atividades aeróbicas são opções acessíveis que podem ser ajustadas para diferentes condições físicas e idades.

Esse incentivo à prática de esportes e exercícios físicos reflete um movimento crescente em várias partes do Brasil. No Distrito Federal, por exemplo, há uma extensa rede de áreas verdes e espaços destinados à prática esportiva, o que estimula a população a adotar o hábito de se movimentar regularmente. Com mais de 70 parques, o DF é uma das regiões brasileiras com mais academias por habitante, facilitando a adoção de uma rotina de exercícios.

A mensagem das sociedades médicas e de saúde é clara: os cuidados preventivos no dia a dia podem salvar vidas. Pequenas mudanças,

como incluir atividades físicas na rotina, adotar uma alimentação balanceada e evitar o fumo e o excesso de álcool, podem reduzir significativamente o risco de doenças graves, como o Acidente Vascular Cerebral. Com uma abordagem preventiva, protejamos a nossa própria saúde e a das pessoas que amamos, ao mesmo tempo em que contribuímos para a diminuição tanto das sequelas quanto das taxas de mortalidade relacionadas à doença.

O AVC não escolhe idade, gênero ou classe social. Ele pode afetar qualquer pessoa, de qualquer lugar, a qualquer momento. Por isso, a conscientização e a prevenção são fundamentais. O conhecimento sobre os sinais de alerta, como fraqueza em um lado do corpo, dificuldade para falar e perda de visão, é vital para que se busque ajuda médica de imediato. Quanto mais rápida for a resposta ao AVC, maior a chance de limitar suas consequências. Os primeiros minutos e horas são críticos para minimizar os danos, uma vez que o tratamento rápido pode salvar vidas e reduzir a gravidade das sequelas.

Assim, o Dia Mundial do AVC não se limita a promover a prevenção por meio da atividade física; ele também incentiva que as pessoas compartilhem informações, aprendam sobre os sinais e sintomas e se conscientizem sobre a importância do tratamento imediato. O conhecimento é uma ferramenta poderosa e tem o potencial de salvar vidas.

Nos hospitais da Kora Saúde, rede da qual o Anchieta faz parte, o slogan é simples e direto: “O suor de hoje é a saúde de amanhã”. Compartilhar essa mensagem de conscientização é um ato simples que pode fazer uma diferença imensa na vida de muitos.